

{k0} - Apostas com as probabilidades mais altas

Autor: symphonyinn.com Palavras-chave: {k0}

Milhões de venezuelanos estão esperados para votarem no domingo, 28 de julho, {k0} uma votação que muitos vêem como a mais consequente no país desde que o líder autoritário Nicolás Maduro chegou ao poder há mais de uma década.

A votação opõe o autoritário Maduro – que supervisionou níveis sem precedentes de pobreza e emigração do país – a Edmundo Gonzalez Urrutia – um avô quieto e amante de pássaros que construiu uma forte base de seguidores, apesar de ser a terceira escolha da oposição depois que seus dois candidatos preferidos foram barrados de concorrer.

No entanto, especialistas alertam que o resultado da votação pode bem ser contestado. Maduro tem o hábito de se apegar ao poder, eles apontam: o governo dele é acusado há muito tempo de fraudar votos e a eleição de 2024 que o devolveu ao cargo foi descrita como ilegítima por uma aliança de 14 nações latino-americanas, Canadá e Estados Unidos.

O populista e o ex-diplomata

Maduro, que assumiu o manto do movimento populista Chavismo após a morte de seu predecessor Hugo Chavez {k0} 2013, busca {k0} terceira eleição consecutiva de seis anos no cargo. Sua última corrida foi amplamente boicotada pela oposição. A Organização dos Estados Americanos a chamou de "farsa", observando que foi "realizada com uma falta generalizada de liberdades públicas, com candidatos e partidos proibidos e com autoridades eleitorais sem credibilidade, sujeitas ao poder executivo."

Em eventos de campanha este ano – geralmente festas alegres, com dança – Maduro retratou seus oponentes como "fascistas" e "manipuláveis", alegando que eles privatizariam a indústria de saúde e petróleo do país e "darão nossa riqueza".

No entanto, sob {k0} vigilância, a Venezuela viu o rápido colapso de {k0} democracia e quase oito milhões de seus habitantes fugiram do país. A inflação disparou e a escassez de alimentos se espalhou à medida que o país passou por "o maior colapso econômico para um país não {k0} conflito {k0} quase meio século", como disse o Fundo Monetário Internacional.

Gonzalez, um ex-diplomata, está concorrendo por uma coalizão da oposição conhecida como a Plataforma Unitária Democrática. Suas prioridades incluem controlar a inflação, atualmente {k0} 64% ao ano, e restaurar a confiança no poder das instituições do país, como {k0} justiça, que atualmente está cheia de simpatizantes de Maduro. No entanto, ele não deu um mapa de como convenceria um governo autoritário a renunciar voluntariamente ao controle e liderar uma transição democrática.

Nas últimas semanas, seus comícios, ao lado de Maria Corina Machado, a líder carismática da coalizão da oposição que foi banida de se candidatar à presidência mais cedo este ano (junto com {k0} colega líder Corina Yoris), atraíram multidões impressionantes, incluindo partes da população longamente dedicadas ao Chavismo. A dupla prometeu construir um país que possa dar as boas-vindas aos milhões de venezuelanos que partiram {k0} meio à desesperação econômica nos últimos anos.

Vários outros candidatos também estão concorrendo, mas eles têm apoio mínimo e são vistos pela principal oposição como aliados do governo.

De acordo com Oswaldo Ramírez, o diretor administrativo da ORC Consultores, a oposição encontrou apoio {k0} "quase todas as esquinas do país".

"A energia eleitoral está de volta às ruas da Venezuela", ele disse. "Nunca nos anos desde que essa era política começou, a oposição teve uma intenção de votar que a favoreceu de tal forma {k0} um sentido tão amplo."

Vinte e cinco anos depois que Chávez trouxe {k0} visão socialista para os corredores do poder {k0} Caracas, a eleição marca uma rara oportunidade para os venezuelanos remodelarem o país – se Maduro estiver disposto a ceder o controle {k0} uma derrota. No entanto, analistas apontam para o histórico de Maduro de suposta manipulação eleitoral na sugestão de que ele é improvável que desça facilmente.

"Isso pode ser a última chance melhor para o Venezuela para restaurar a democracia há muito tempo", disse Ryan Berg, diretor do Programa das Américas no Center for Strategic and International Studies. "O nível de fraude que (o governo Maduro) vai necessitar será tão óbvio para todos que não há como eles possam seguir adiante credivelmente com a eleição. Eles vão ser pegos com a mão na caixa de biscoitos."

O governo do partido no poder vem interferindo na eleição há meses. Em janeiro, Machado foi barrada de exercer cargos públicos por 15 anos pela Suprema Corte controlada por Maduro. Os EUA disseram que a decisão desafiou uma promessa de 2024 do governo venezuelano de realizar eleições livres e justas. Gonzalez foi escolhido como candidato depois que a substituta designada de Machado, Yoris, foi bloqueada para concorrer.

O governo de Maduro também alega ter frustrado uma série de suspeitas tramas de sabotagem de infraestrutura pública e interferência na eleição, apoiadas pela oposição. Analistas veem essas como as sementes de um pretexto que Maduro poderia usar para adiar ou cancelar a eleição no último minuto.

Especialistas alertam que Maduro também pode se mover para provocar uma crise militar com o vizinho Guiana depois que ele e seus apoiadores escalaram ameaças de anexar uma parte rica {k0} petróleo da terra do país.

Alguns especularam que Maduro poderia usar a crise como desculpa para suspender a eleição.

O governo de Maduro também foi acusado de tentar semear confusão antes do dia da votação, incluindo renomeando cerca de 6.000 escolas, lugares que geralmente atuam como locais de votação. O governo também criou grandes impedimentos para os venezuelanos que saíram do país para votar, incluindo requisitos de passaporte e residência amplamente inatingíveis, disseram especialistas {k0} eleições.

Há mais de 21 milhões de eleitores registrados no Venezuela, incluindo cerca de 17 milhões de pessoas atualmente vivendo no país.

Um grupo limitado de observadores eleitorais, incluindo uma equipe do The Carter Center – uma organização sem fins lucrativos estabelecida pelo ex-presidente dos EUA Jimmy Carter – estará no local para monitorar a votação depois que as autoridades venezuelanas revogaram um convite {k0} maio para a União Europeia enviar uma delegação, citando as sanções do bloco contra o país.

Mas as opções para a oposição e a comunidade internacional são limitadas se Maduro se recusar a ceder o poder, disse Berg, do CSIS. "A oposição pode sair às ruas, eles podem mobilizar, eles podem exigir certas coisas, mas se o regime entrar e eles tiverem o poder de fogo para reprimir, como vimos {k0} outras instâncias sob Maduro, pode ficar muito feio", ele disse.

Se a oposição conquistar a vitória, um período de transição de seis meses é provável para incluir uma negociação intensa {k0} torno do perdão para Maduro e membros de seu governo, que analistas dizem que ele certamente exigirá ante de qualquer possível entrega.

Maduro atualmente enfrenta acusações de tráfico de drogas e corrupção nos EUA e está sendo investigado por crimes contra a humanidade pelo Tribunal Penal Internacional.

Machado indicou nos últimos meses que a oposição expressou disposição ao governo venezuelano para estabelecer uma "negociação séria com garantias" para Maduro e seus aliados – desde que Maduro e seu Partido Socialista Unido da Venezuela dão um passo ao lado na face da derrota.

"Nós sabemos da responsabilidade que temos com a história, e se houver sentimentos que animam este processo, será sobre reunificação, coexistência e justiça, nunca sobre vingança e perseguição", disse Machado este mês.

Partilha de casos

Milhões de venezuelanos estão esperados para votarem no domingo, 28 de julho, {k0} uma votação que muitos vêem como a mais consequente no país desde que o líder autoritário Nicolás Maduro chegou ao poder há mais de uma década.

A votação opõe o autoritário Maduro – que supervisionou níveis sem precedentes de pobreza e emigração do país – a Edmundo Gonzalez Urrutia – um avô quieto e amante de pássaros que construiu uma forte base de seguidores, apesar de ser a terceira escolha da oposição depois que seus dois candidatos preferidos foram barrados de concorrer.

No entanto, especialistas alertam que o resultado da votação pode bem ser contestado. Maduro tem o hábito de se apegar ao poder, eles apontam: o governo dele é acusado há muito tempo de fraudar votos e a eleição de 2024 que o devolveu ao cargo foi descrita como ilegítima por uma aliança de 14 nações latino-americanas, Canadá e Estados Unidos.

O populista e o ex-diplomata

Maduro, que assumiu o manto do movimento populista Chavismo após a morte de seu predecessor Hugo Chavez {k0} 2013, busca {k0} terceira eleição consecutiva de seis anos no cargo. Sua última corrida foi amplamente boicotada pela oposição. A Organização dos Estados Americanos a chamou de "farsa", observando que foi "realizada com uma falta generalizada de liberdades públicas, com candidatos e partidos proibidos e com autoridades eleitorais sem credibilidade, sujeitas ao poder executivo."

Em eventos de campanha este ano – geralmente festas alegres, com dança – Maduro retratou seus oponentes como "fascistas" e "manipuláveis", alegando que eles privatizariam a indústria de saúde e petróleo do país e "darão nossa riqueza".

No entanto, sob {k0} vigilância, a Venezuela viu o rápido colapso de {k0} democracia e quase oito milhões de seus habitantes fugiram do país. A inflação disparou e a escassez de alimentos se espalhou à medida que o país passou por "o maior colapso econômico para um país não {k0} conflito {k0} quase meio século", como disse o Fundo Monetário Internacional.

Gonzalez, um ex-diplomata, está concorrendo por uma coalizão da oposição conhecida como a Plataforma Unitária Democrática. Suas prioridades incluem controlar a inflação, atualmente {k0} 64% ao ano, e restaurar a confiança no poder das instituições do país, como {k0} justiça, que atualmente está cheia de simpatizantes de Maduro. No entanto, ele não deu um mapa de como convenceria um governo autoritário a renunciar voluntariamente ao controle e liderar uma transição democrática.

Nas últimas semanas, seus comícios, ao lado de Maria Corina Machado, a líder carismática da coalizão da oposição que foi banida de se candidatar à presidência mais cedo este ano (junto com {k0} colega líder Corina Yoris), atraíram multidões impressionantes, incluindo partes da população longamente dedicadas ao Chavismo. A dupla prometeu construir um país que possa dar as boas-vindas aos milhões de venezuelanos que partiram {k0} meio à desesperação econômica nos últimos anos.

Vários outros candidatos também estão concorrendo, mas eles têm apoio mínimo e são vistos pela principal oposição como aliados do governo.

De acordo com Oswaldo Ramírez, o diretor administrativo da ORC Consultores, a oposição encontrou apoio {k0} "quase todas as esquinas do país".

"A energia eleitoral está de volta às ruas da Venezuela", ele disse. "Nunca nos anos desde que essa era política começou, a oposição teve uma intenção de votar que a favoreceu de tal forma

{k0} um sentido tão amplo."

Vinte e cinco anos depois que Chávez trouxe {k0} visão socialista para os corredores do poder {k0} Caracas, a eleição marca uma rara oportunidade para os venezuelanos remodelarem o país – se Maduro estiver disposto a ceder o controle {k0} uma derrota. No entanto, analistas apontam para o histórico de Maduro de suposta manipulação eleitoral na sugestão de que ele é improvável que desça facilmente.

"Isso pode ser a última chance melhor para o Venezuela para restaurar a democracia há muito tempo", disse Ryan Berg, diretor do Programa das Américas no Center for Strategic and International Studies. "O nível de fraude que (o governo Maduro) vai necessitar será tão óbvio para todos que não há como eles possam seguir adiante credivelmente com a eleição. Eles vão ser pegos com a mão na caixa de biscoitos."

O governo do partido no poder vem interferindo na eleição há meses. Em janeiro, Machado foi barrada de exercer cargos públicos por 15 anos pela Suprema Corte controlada por Maduro. Os EUA disseram que a decisão desafiou uma promessa de 2024 do governo venezuelano de realizar eleições livres e justas. Gonzalez foi escolhido como candidato depois que a substituta designada de Machado, Yoris, foi bloqueada para concorrer.

O governo de Maduro também alega ter frustrado uma série de suspeitas tramas de sabotagem de infraestrutura pública e interferência na eleição, apoiadas pela oposição. Analistas veem essas como as sementes de um pretexto que Maduro poderia usar para adiar ou cancelar a eleição no último minuto.

Especialistas alertam que Maduro também pode se mover para provocar uma crise militar com o vizinho Guiana depois que ele e seus apoiadores escalaram ameaças de anexar uma parte rica {k0} petróleo da terra do país.

Alguns especularam que Maduro poderia usar a crise como desculpa para suspender a eleição. O governo de Maduro também foi acusado de tentar semear confusão antes do dia da votação, incluindo renomeando cerca de 6.000 escolas, lugares que geralmente atuam como locais de votação. O governo também criou grandes impedimentos para os venezuelanos que saíram do país para votar, incluindo requisitos de passaporte e residência amplamente inatingíveis, disseram especialistas {k0} eleições.

Há mais de 21 milhões de eleitores registrados no Venezuela, incluindo cerca de 17 milhões de pessoas atualmente vivendo no país.

Um grupo limitado de observadores eleitorais, incluindo uma equipe do The Carter Center – uma organização sem fins lucrativos estabelecida pelo ex-presidente dos EUA Jimmy Carter – estará no local para monitorar a votação depois que as autoridades venezuelanas revogaram um convite {k0} maio para a União Europeia enviar uma delegação, citando as sanções do bloco contra o país.

Mas as opções para a oposição e a comunidade internacional são limitadas se Maduro se recusar a ceder o poder, disse Berg, do CSIS. "A oposição pode sair às ruas, eles podem mobilizar, eles podem exigir certas coisas, mas se o regime entrar e eles tiverem o poder de fogo para reprimir, como vimos {k0} outras instâncias sob Maduro, pode ficar muito feio", ele disse.

Se a oposição conquistar a vitória, um período de transição de seis meses é provável para incluir uma negociação intensa {k0} torno do perdão para Maduro e membros de seu governo, que analistas dizem que ele certamente exigirá ante de qualquer possível entrega.

Maduro atualmente enfrenta acusações de tráfico de drogas e corrupção nos EUA e está sendo investigado por crimes contra a humanidade pelo Tribunal Penal Internacional.

Machado indicou nos últimos meses que a oposição expressou disposição ao governo venezuelano para estabelecer uma "negociação séria com garantias" para Maduro e seus aliados – desde que Maduro e seu Partido Socialista Unido da Venezuela dão um passo ao lado na face da derrota.

"Nós sabemos da responsabilidade que temos com a história, e se houver sentimentos que animam este processo, será sobre reunificação, coexistência e justiça, nunca sobre vingança e

perseguição", disse Machado este mês.

Expanda pontos de conhecimento

Milhões de venezuelanos estão esperados para votarem no domingo, 28 de julho, {k0} uma votação que muitos vêem como a mais consequente no país desde que o líder autoritário Nicolás Maduro chegou ao poder há mais de uma década.

A votação opõe o autoritário Maduro – que supervisionou níveis sem precedentes de pobreza e emigração do país – a Edmundo Gonzalez Urrutia – um avô quieto e amante de pássaros que construiu uma forte base de seguidores, apesar de ser a terceira escolha da oposição depois que seus dois candidatos preferidos foram barrados de concorrer.

No entanto, especialistas alertam que o resultado da votação pode bem ser contestado. Maduro tem o hábito de se apegar ao poder, eles apontam: o governo dele é acusado há muito tempo de fraudar votos e a eleição de 2024 que o devolveu ao cargo foi descrita como ilegítima por uma aliança de 14 nações latino-americanas, Canadá e Estados Unidos.

O populista e o ex-diplomata

Maduro, que assumiu o manto do movimento populista Chavismo após a morte de seu predecessor Hugo Chavez {k0} 2013, busca {k0} terceira eleição consecutiva de seis anos no cargo. Sua última corrida foi amplamente boicotada pela oposição. A Organização dos Estados Americanos a chamou de "farsa", observando que foi "realizada com uma falta generalizada de liberdades públicas, com candidatos e partidos proibidos e com autoridades eleitorais sem credibilidade, sujeitas ao poder executivo."

Em eventos de campanha este ano – geralmente festas alegres, com dança – Maduro retratou seus oponentes como "fascistas" e "manipuláveis", alegando que eles privatizariam a indústria de saúde e petróleo do país e "darão nossa riqueza".

No entanto, sob {k0} vigilância, a Venezuela viu o rápido colapso de {k0} democracia e quase oito milhões de seus habitantes fugiram do país. A inflação disparou e a escassez de alimentos se espalhou à medida que o país passou por "o maior colapso econômico para um país não {k0} conflito {k0} quase meio século", como disse o Fundo Monetário Internacional.

Gonzalez, um ex-diplomata, está concorrendo por uma coalizão da oposição conhecida como a Plataforma Unitária Democrática. Suas prioridades incluem controlar a inflação, atualmente {k0} 64% ao ano, e restaurar a confiança no poder das instituições do país, como {k0} justiça, que atualmente está cheia de simpatizantes de Maduro. No entanto, ele não deu um mapa de como convenceria um governo autoritário a renunciar voluntariamente ao controle e liderar uma transição democrática.

Nas últimas semanas, seus comícios, ao lado de Maria Corina Machado, a líder carismática da coalizão da oposição que foi banida de se candidatar à presidência mais cedo este ano (junto com {k0} colega líder Corina Yoris), atraíram multidões impressionantes, incluindo partes da população longamente dedicadas ao Chavismo. A dupla prometeu construir um país que possa dar as boas-vindas aos milhões de venezuelanos que partiram {k0} meio à desesperação econômica nos últimos anos.

Vários outros candidatos também estão concorrendo, mas eles têm apoio mínimo e são vistos pela principal oposição como aliados do governo.

De acordo com Oswaldo Ramírez, o diretor administrativo da ORC Consultores, a oposição encontrou apoio {k0} "quase todas as esquinas do país".

"A energia eleitoral está de volta às ruas da Venezuela", ele disse. "Nunca nos anos desde que essa era política começou, a oposição teve uma intenção de votar que a favoreceu de tal forma {k0} um sentido tão amplo."

Vinte e cinco anos depois que Chávez trouxe {k0} visão socialista para os corredores do poder

{k0} Caracas, a eleição marca uma rara oportunidade para os venezuelanos remodelarem o país – se Maduro estiver disposto a ceder o controle **{k0}** uma derrota. No entanto, analistas apontam para o histórico de Maduro de suposta manipulação eleitoral na sugestão de que ele é improvável que desça facilmente.

"Isso pode ser a última chance melhor para o Venezuela para restaurar a democracia há muito tempo", disse Ryan Berg, diretor do Programa das Américas no Center for Strategic and International Studies. "O nível de fraude que (o governo Maduro) vai necessitar será tão óbvio para todos que não há como eles possam seguir adiante credivelmente com a eleição. Eles vão ser pegos com a mão na caixa de biscoitos."

O governo do partido no poder vem interferindo na eleição há meses. Em janeiro, Machado foi barrada de exercer cargos públicos por 15 anos pela Suprema Corte controlada por Maduro. Os EUA disseram que a decisão desafiou uma promessa de 2024 do governo venezuelano de realizar eleições livres e justas. Gonzalez foi escolhido como candidato depois que a substituta designada de Machado, Yoris, foi bloqueada para concorrer.

O governo de Maduro também alega ter frustrado uma série de suspeitas tramas de sabotagem de infraestrutura pública e interferência na eleição, apoiadas pela oposição. Analistas veem essas como as sementes de um pretexto que Maduro poderia usar para adiar ou cancelar a eleição no último minuto.

Especialistas alertam que Maduro também pode se mover para provocar uma crise militar com o vizinho Guiana depois que ele e seus apoiadores escalaram ameaças de anexar uma parte rica **{k0}** petróleo da terra do país.

Alguns especularam que Maduro poderia usar a crise como desculpa para suspender a eleição. O governo de Maduro também foi acusado de tentar semear confusão antes do dia da votação, incluindo renomeando cerca de 6.000 escolas, lugares que geralmente atuam como locais de votação. O governo também criou grandes impedimentos para os venezuelanos que saíram do país para votar, incluindo requisitos de passaporte e residência amplamente inatingíveis, disseram especialistas **{k0}** eleições.

Há mais de 21 milhões de eleitores registrados no Venezuela, incluindo cerca de 17 milhões de pessoas atualmente vivendo no país.

Um grupo limitado de observadores eleitorais, incluindo uma equipe do The Carter Center – uma organização sem fins lucrativos estabelecida pelo ex-presidente dos EUA Jimmy Carter – estará no local para monitorar a votação depois que as autoridades venezuelanas revogaram um convite **{k0}** maio para a União Europeia enviar uma delegação, citando as sanções do bloco contra o país.

Mas as opções para a oposição e a comunidade internacional são limitadas se Maduro se recusar a ceder o poder, disse Berg, do CSIS. "A oposição pode sair às ruas, eles podem mobilizar, eles podem exigir certas coisas, mas se o regime entrar e eles tiverem o poder de fogo para reprimir, como vimos **{k0}** outras instâncias sob Maduro, pode ficar muito feio", ele disse.

Se a oposição conquistar a vitória, um período de transição de seis meses é provável para incluir uma negociação intensa **{k0}** torno do perdão para Maduro e membros de seu governo, que analistas dizem que ele certamente exigirá ante de qualquer possível entrega.

Maduro atualmente enfrenta acusações de tráfico de drogas e corrupção nos EUA e está sendo investigado por crimes contra a humanidade pelo Tribunal Penal Internacional.

Machado indicou nos últimos meses que a oposição expressou disposição ao governo venezuelano para estabelecer uma "negociação séria com garantias" para Maduro e seus aliados – desde que Maduro e seu Partido Socialista Unido da Venezuela dão um passo ao lado na face da derrota.

"Nós sabemos da responsabilidade que temos com a história, e se houver sentimentos que animam este processo, será sobre reunificação, coexistência e justiça, nunca sobre vingança e perseguição", disse Machado este mês.

comentário do comentarista

Milhões de venezuelanos estão esperados para votarem no domingo, 28 de julho, {k0} uma votação que muitos vêem como a mais consequente no país desde que o líder autoritário Nicolás Maduro chegou ao poder há mais de uma década.

A votação opõe o autoritário Maduro – que supervisionou níveis sem precedentes de pobreza e emigração do país – a Edmundo Gonzalez Urrutia – um avô quieto e amante de pássaros que construiu uma forte base de seguidores, apesar de ser a terceira escolha da oposição depois que seus dois candidatos preferidos foram barrados de concorrer.

No entanto, especialistas alertam que o resultado da votação pode bem ser contestado. Maduro tem o hábito de se apegar ao poder, eles apontam: o governo dele é acusado há muito tempo de fraudar votos e a eleição de 2024 que o devolveu ao cargo foi descrita como ilegítima por uma aliança de 14 nações latino-americanas, Canadá e Estados Unidos.

O populista e o ex-diplomata

Maduro, que assumiu o manto do movimento populista Chavismo após a morte de seu predecessor Hugo Chavez {k0} 2013, busca {k0} terceira eleição consecutiva de seis anos no cargo. Sua última corrida foi amplamente boicotada pela oposição. A Organização dos Estados Americanos a chamou de "farsa", observando que foi "realizada com uma falta generalizada de liberdades públicas, com candidatos e partidos proibidos e com autoridades eleitorais sem credibilidade, sujeitas ao poder executivo."

Em eventos de campanha este ano – geralmente festas alegres, com dança – Maduro retratou seus oponentes como "fascistas" e "manipuláveis", alegando que eles privatizariam a indústria de saúde e petróleo do país e "darão nossa riqueza".

No entanto, sob {k0} vigilância, a Venezuela viu o rápido colapso de {k0} democracia e quase oito milhões de seus habitantes fugiram do país. A inflação disparou e a escassez de alimentos se espalhou à medida que o país passou por "o maior colapso econômico para um país não {k0} conflito {k0} quase meio século", como disse o Fundo Monetário Internacional.

Gonzalez, um ex-diplomata, está concorrendo por uma coalizão da oposição conhecida como a Plataforma Unitária Democrática. Suas prioridades incluem controlar a inflação, atualmente {k0} 64% ao ano, e restaurar a confiança no poder das instituições do país, como {k0} justiça, que atualmente está cheia de simpatizantes de Maduro. No entanto, ele não deu um mapa de como convenceria um governo autoritário a renunciar voluntariamente ao controle e liderar uma transição democrática.

Nas últimas semanas, seus comícios, ao lado de Maria Corina Machado, a líder carismática da coalizão da oposição que foi banida de se candidatar à presidência mais cedo este ano (junto com {k0} colega líder Corina Yoris), atraíram multidões impressionantes, incluindo partes da população longamente dedicadas ao Chavismo. A dupla prometeu construir um país que possa dar as boas-vindas aos milhões de venezuelanos que partiram {k0} meio à desesperação econômica nos últimos anos.

Vários outros candidatos também estão concorrendo, mas eles têm apoio mínimo e são vistos pela principal oposição como aliados do governo.

De acordo com Oswaldo Ramírez, o diretor administrativo da ORC Consultores, a oposição encontrou apoio {k0} "quase todas as esquinas do país".

"A energia eleitoral está de volta às ruas da Venezuela", ele disse. "Nunca nos anos desde que essa era política começou, a oposição teve uma intenção de votar que a favoreceu de tal forma {k0} um sentido tão amplo."

Vinte e cinco anos depois que Chávez trouxe {k0} visão socialista para os corredores do poder {k0} Caracas, a eleição marca uma rara oportunidade para os venezuelanos remodelarem o país

– se Maduro estiver disposto a ceder o controle {k0} uma derrota. No entanto, analistas apontam para o histórico de Maduro de suposta manipulação eleitoral na sugestão de que ele é improvável que desça facilmente.

"Isso pode ser a última chance melhor para o Venezuela para restaurar a democracia há muito tempo", disse Ryan Berg, diretor do Programa das Américas no Center for Strategic and International Studies. "O nível de fraude que (o governo Maduro) vai necessitar será tão óbvio para todos que não há como eles possam seguir adiante credivelmente com a eleição. Eles vão ser pegos com a mão na caixa de biscoitos."

O governo do partido no poder vem interferindo na eleição há meses. Em janeiro, Machado foi barrada de exercer cargos públicos por 15 anos pela Suprema Corte controlada por Maduro. Os EUA disseram que a decisão desafiou uma promessa de 2024 do governo venezuelano de realizar eleições livres e justas. Gonzalez foi escolhido como candidato depois que a substituta designada de Machado, Yoris, foi bloqueada para concorrer.

O governo de Maduro também alega ter frustrado uma série de suspeitas tramas de sabotagem de infraestrutura pública e interferência na eleição, apoiadas pela oposição. Analistas veem essas como as sementes de um pretexto que Maduro poderia usar para adiar ou cancelar a eleição no último minuto.

Especialistas alertam que Maduro também pode se mover para provocar uma crise militar com o vizinho Guiana depois que ele e seus apoiadores escalaram ameaças de anexar uma parte rica {k0} petróleo da terra do país.

Alguns especularam que Maduro poderia usar a crise como desculpa para suspender a eleição. O governo de Maduro também foi acusado de tentar semear confusão antes do dia da votação, incluindo renomeando cerca de 6.000 escolas, lugares que geralmente atuam como locais de votação. O governo também criou grandes impedimentos para os venezuelanos que saíram do país para votar, incluindo requisitos de passaporte e residência amplamente inatingíveis, disseram especialistas {k0} eleições.

Há mais de 21 milhões de eleitores registrados no Venezuela, incluindo cerca de 17 milhões de pessoas atualmente vivendo no país.

Um grupo limitado de observadores eleitorais, incluindo uma equipe do The Carter Center – uma organização sem fins lucrativos estabelecida pelo ex-presidente dos EUA Jimmy Carter – estará no local para monitorar a votação depois que as autoridades venezuelanas revogaram um convite {k0} maio para a União Europeia enviar uma delegação, citando as sanções do bloco contra o país.

Mas as opções para a oposição e a comunidade internacional são limitadas se Maduro se recusar a ceder o poder, disse Berg, do CSIS. "A oposição pode sair às ruas, eles podem mobilizar, eles podem exigir certas coisas, mas se o regime entrar e eles tiverem o poder de fogo para reprimir, como vimos {k0} outras instâncias sob Maduro, pode ficar muito feio", ele disse.

Se a oposição conquistar a vitória, um período de transição de seis meses é provável para incluir uma negociação intensa {k0} torno do perdão para Maduro e membros de seu governo, que analistas dizem que ele certamente exigirá ante de qualquer possível entrega.

Maduro atualmente enfrenta acusações de tráfico de drogas e corrupção nos EUA e está sendo investigado por crimes contra a humanidade pelo Tribunal Penal Internacional.

Machado indicou nos últimos meses que a oposição expressou disposição ao governo venezuelano para estabelecer uma "negociação séria com garantias" para Maduro e seus aliados – desde que Maduro e seu Partido Socialista Unido da Venezuela dão um passo ao lado na face da derrota.

"Nós sabemos da responsabilidade que temos com a história, e se houver sentimentos que animam este processo, será sobre reunificação, coexistência e justiça, nunca sobre vingança e perseguição", disse Machado este mês.

Informações do documento:

Autor: symphonyinn.com

Assunto: {k0}

Palavras-chave: {k0} - Apostas com as probabilidades mais altas

Data de lançamento de: 2024-08-23

Referências Bibliográficas:

1. [jogo online estrela bet](#)
2. [sports sportingbet](#)
3. [free bet blaze](#)
4. [ranking casas de apostas](#)